



Associação Brasileira de Ontopsicologia

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA À FORMAÇÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O TERCEIRO MILÊNIO

Estela Maris Giordani¹

Adriane Maria Moro Mendes

Ana Maris Petry

Jean Jacques Rousseau, filósofo naturalista do séc. XVIII, dizia que um homem, quando coloca um ser humano no mundo, cumpriu um terço de sua função; à sociedade, deve um cidadão e à humanidade, um homem. Diante da brilhante visão educacional desse filósofo, brota a constatação de que nós, adultos, carecemos de bases sólidas para formar, no interior das relações familiares, escolares e sociais, as dimensões suscitadas por Rousseau. A questão é: quais são as bases que usamos quando educamos nossos filhos/alunos/cidadãos? Qual o conjunto de conhecimentos, valores, crenças (ideológicas, políticas, religiosas) e experiências como adultos? Isto é o suficiente para que a criança possa compreender quem ela é e se construir como ser humano, ou nos faltam elementos de compreensão de como o ser humano é constituído? Quais são as necessidades que precisam ser consideradas para que a criança possa se desenvolver de forma mais completa enquanto ser inteligente e parte deste complexo mundo das relações sociais? Percebemos que estamos realmente diante de um grande problema pedagógico da educação das novas gerações.

As questões essenciais e existenciais mais importantes para o ser humano, muito embora pequeno, são também as mesmas perguntas que os filósofos desde os primórdios da filosofia se fizeram: “quem sou?”, “de onde vim?” e “para onde vou?”. E, se a pedagogia se coloca a tarefa de educar o homem, estas são questões essenciais a serem tratadas por ela. Esta é a grande contribuição da ciência ontopsiológica à pedagogia. Conforme Meneghetti (2005) “a criança manifesta-se sempre como ato através do qual o espírito diz: ‘apesar de tudo eu ainda amo essa existência’. Toda vez que se dá um nascimento, ele renova a confiança e a volição do ato do espírito por esta existência. O espírito me quer onde Eu sou, o ser me quer onde Eu existo” (MENEGETTI, 2005, p. 25-26).

¹ Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora da UFSM nos cursos de licenciatura, Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana e Mestrado em Administração. estela@pesquisador.cnpq.br

AS CIÊNCIAS HUMANAS E A CONSTITUIÇÃO DA PEDAGOGIA

O problema de fundo de toda a pedagogia consiste em compreender o ser humano e se constituir como suporte ao seu pleno desenvolvimento. Isto significa que a pedagogia possui a tarefa de construir o ser humano em funcionalidade existencial para si e para o contexto social em que está inserido (MENEGETTI, 2005). Inicialmente, buscando a resposta a sua vida, pode encontrar também a resposta das relações sociais nas quais está inserida.

Este problema na pedagogia é antigo e tem sido tratado ao longo de sua história de variadas formas. Estudando a constituição da Pedagogia como área do saber, percebemos que ela nasce inicialmente de outras áreas das ciências humanas, em especial da filosofia, psicologia e sociologia, e, mesmo se constituindo como área específica, mantém com estas uma relação de interdependência, inclusive no que diz respeito a problemas referentes ao estabelecimento da delimitação, objeto, critério, método, teorias e sistemas. Contudo, um dos principais problemas comuns de todas as ciências humanas, consiste em ter o ser humano contemporaneamente como sujeito e objeto da própria investigação.

Assim, a compreensão da pedagogia está estreitamente ligada às ciências humanas. Da filosofia, é muito importante compreender as correntes filosóficas do pensamento humano, pois foi através dele que a pedagogia apreendeu as concepções de homem e mundo e principalmente a teoria do conhecimento. Bogdan Suchodolski em seu livro “A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas” (1992), sustenta que um dos problemas da pedagogia moderna é conciliar as duas principais cosmovisões de homem e mundo da essência e da existência em uma síntese capaz de resolver a dicotomia da ciência e da pedagogia. Contudo, o próprio autor percebe, ao analisar o problema, que as pedagogias até então não conseguiram cumprir esta tarefa.

Buscando as origens da pedagogia, assim como de outras ciências humanas como a psicologia, percebemos que inicialmente ela foi construída no interior de sistemas filosóficos. Podemos observar, por exemplo, no período do séc. V e IV a.C., que a educação grega, em especial a Ateniense, formulou como ideal educativo a *Paidéia*. Este ideal educativo se vincula as idéias dos filósofos pré-socráticos e de Sócrates. Este propôs como máxima educativa o “conhece-te a ti mesmo” a ser atingido com o método *maieutico*, que significa “parto das idéias”: o tutor faz o aprendiz encontrar as próprias respostas, já que Sócrates como mestre declara sua ignorância, “só sei que nada sei”. Conforme descreve Cambi no livro a História da Pedagogia (1999, p. 87), a *Paidéia* possuía como ideal a “formação de uma

humanidade superior, nutrida de cultura e de civilização, (...) este humanismo ninguém o possui por natureza, ele é fruto apenas da educação e é o desafio máximo que alimenta todos os processos de formação”.

A filosofia socrática teve continuidade com Platão e Aristóteles, e na Idade Média com seus discípulos Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Também neste período, a pedagogia foi traduzida por estes dois grandes sistemas filosóficos ligados à fé cristã. Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho escrevem um tratado de Pedagogia, o “*De Magistro*”, cada um em seu tempo. Conforme Suchodolski, a corrente filosófica destes autores era da essência que, traduzida à educação, deve conformar o homem aos ideais dogmáticos, absolutos e imutáveis e aos grandes modelos ideais de bem e de verdade.

No Renascimento, um novo processo educativo começa a se esboçar fundado na existência humana, com autores como Vittorino da Feltrre, Jean-Loius Vives, Erasmo de Roterdã, Rebelais, Montagne. As principais questões colocadas por esta corrente pedagógica são a importância da educação como função de vida. E, somente com Comênios no séc. XVI e XVII, em seu tratado “*Didática Magna*”, fundamentado sobre a tradição renascentista, é que começa a se esboçar a pedagogia como área distinta da filosofia, mas mantendo profundas relações com esta tanto como com a psicologia.

É importante ressaltar que as correntes existentes destas áreas, em cada período histórico, influenciaram diretamente as concepções pedagógicas ao longo do tempo. Os limites e os problemas internos de cada área do conhecimento da filosofia, psicologia, sociologia, refletiram diretamente nas teorias pedagógicas. Muito embora com o passar do tempo a pedagogia tenha ampliado sua autonomia em relação a essas áreas, jamais deixou de assimilar as novas correntes e/ou suas crises. Logo, os mesmos problemas enfrentados pela filosofia à respeito da racionalidade humana e dos seus limites, da sociologia em relação às crises das utopias dos sistemas socialistas, comunistas e capitalistas e a crise da psicologia à respeito do entendimento do funcionamento da psique humana, foram percebidos e absorvidos, influenciando profundamente os sistemas pedagógicos.

Por isso, quando se declara que a epistemologia das ciências humanas está em crise, também se adverte a crise da pedagogia. É nesse contexto que podemos afirmar que cada sistema pedagógico possui implícito uma teoria do conhecimento, uma teoria do sistema psíquico e uma teoria do sistema social no qual este indivíduo irá se integrar e interagir. Assim também, Libâneo no livro “*Democratização da Escola Pública*” (1986) e Misukami em seu livro “*Ensino as abordagens do processo*” (1986), demonstram como as diferentes

abordagens ou tendências pedagógicas são constituídas pelas concepções e teorias das ciências humanas, em especial a filosofia, psicologia e sociologia.

Por isso, a pedagogia, quando se declara ciência da educação, deve ser capaz de incorporar os avanços específicos das ciências humanas e, para tal, enfrentar suas crises e propor soluções eficientes aos problemas que se abrem para o terceiro milênio.

Além de todas estas questões, acrescenta-se que, contemporaneamente, o discurso pedagógico é influenciado por uma polissemia de abordagens e perdeu a identidade com esta ou aquela abordagem ou tendência pedagógica, e com isto também descaracterizou os problemas epistemológicos e metodológicos dos processos educativos. Observamos, como pesquisadores e formadores de profissionais da educação, em especial de pedagogos, que nem se quer os cursos de pedagogia estudam em profundidade os sistemas pedagógicos em suas teorias e práticas pedagógicas. Os currículos são compostos em parte por disciplinas diversas das ciências humanas, especificidades pedagógicas e práticas educativas não identificadas necessariamente a uma ou outra pedagogia e muitas vezes sem rigor epistemológico.

ANÁLISE DE ALGUMAS TEORIAS PEDAGÓGICAS E PEDAGOGIAS

Antes de iniciar a análise devemos precisar que, quando utilizamos os termos pedagogia ou teoria pedagógica, apesar de portarem semelhanças, tecnicamente se diferenciam. Uma teoria pedagógica não necessariamente se constitui em uma pedagogia, mas toda a pedagogia possui uma teoria pedagógica. A pedagogia compreende uma teoria pedagógica e a correspondente prática educativa, o que na teoria pedagógica esta última não está presente. Assim, a seguir passamos a refletir acerca de algumas pedagogias como Pestalozzi, Montessori, Dewey e Paulo Freire e das teorias pedagógicas fundamentadas em Piaget e Vygotski.

Pestalozzi fundamentou sua pedagogia na Filosofia Naturalista de Jean Jacques Rousseau. Fundamentalmente, Rousseau, como idealista do séc. XVII e XVIII, explicita sua filosofia e psicologia da educação em seus principais livros “Emílio ou da Educação”, um romance que trata da educação individual, e o “Contrato Social”, que expõem como deve ser estruturada a sociedade para que Emílio, ao ingressar nela, não deturpe sua natureza. Ele acreditava que o ser humano ao nascer possui uma natureza boa, mas a sociedade a deturpa. Por isso, prevê que a educação de Emílio aconteça em um ambiente natural, fora das influências sociais. Apenas quando Emílio tiver 18 anos, com a idade da razão, estará pronto

para ser integrado à sociedade. Outro aspecto importante dessa obra é que em cada idade Emilio terá uma educação conforme sua fase de desenvolvimento.

Rousseau foi um autor que influenciou muito Pestalozzi, Maria Montessori, dentre outros pedagogos e trouxe contribuições importantes ao pensamento pedagógico da época. Além de outros grandes debates, havia uma forte tendência em acreditar que a natureza humana, por princípio, era má. A crítica pedagógica maior que recai sobre esse autor é que, de fato, ele não colocou suas formulações pedagógicas em prática para verificá-las, pois até mesmo Pestalozzi, seu seguidor, não seguiu o seu princípio pedagógico de educar a criança fora das relações sociais, visto que isso seria utópico. Além disso, estudando Rousseau percebemos que sua compreensão de natureza às vezes é o meio ambiente e às vezes a natureza humana. Mas de que natureza fala? Como a compreende nos processos educativos?

Pestalozzi, fundamentado nos princípios teóricos de Rousseau e das teorias Republicanas de seu tempo, educou crianças marginalizadas socialmente em comunidades nas quais a grande referência era o educador e a sua crença na providência natural que o ser humano possuía. Conforme Palmer no livro “50 grandes educadores” (2005, p. 87), “o pensamento central por detrás desse método é que todos os homens estão sujeitos às forças básicas, pré-estruturadas pelas leis naturais e eternas. Dessa maneira, o objetivo da educação era desenvolver essas forças natural ou psicologicamente”. Pestalozzi também inverteu a velha doutrina republicana “não é o Príncipe, mas a mãe o líder moral. Ela se torna o pivô entre Deus, as crianças e o mundo exterior (...) quanto melhor for a vida em família, melhor será a educação”.

Apesar da importância social que dava a educação familiar e em especial a figura materna, Pestalozzi possuía uma visão místico-religiosa e idealizada a respeito de ambas. Pois, se para a sociedade daquele século essas premissas poderiam ser aceitas, na sociedade do terceiro milênio isso não se confirma. Observamos que filhos de famílias bem estruturadas do ponto de vista econômico e social possuem problemas de droga e delinquência juvenil. Assim, a mãe e a família não necessariamente portam bem estar ao desenvolvimento da criança.

A pedagogia Montessori foi importante porque proclamou liberdade à criança que, em sua época, não poderia ser concebido fora da autoridade do adulto. Além disso, inspirada em Rousseau e Pestalozzi, suas teorias pedagógicas levavam em consideração a influência do ambiente na educação da criança e o ensino individualizado. “Montessori queria que a Casa das Crianças formasse as crianças para a vida e para o mundo. Porém sabia que um mundo hospitaleiro para a paz teria de ser muito diferente do que conhecia e aqueles que nele viviam

teriam de ser formados por um tipo diferente de escola. Imaginando a escola como uma extensão do lar privado e o mundo como uma continuação da escola e do lar, não deixou espaço em seu sistema para as dicotomias radicais que tão freqüentemente vêm à tona entre escola e lar, lar e mundo, mundo e escola” (PALMER, 2005, p. 276). Assim, a excessiva proteção da criança em relação à sociedade herdada de Rousseau, como por exemplo o cuidado com o ambiente, tornando-o um espaço ideal de desenvolvimento, fez com que observássemos que muitas das crianças, ao saírem da escola, tivessem uma inabilidade de conviver em sociedade, o que ocasionou o aumento da violência e da delinqüência juvenil.

Dewey foi um pensador que defendia a democracia na educação. Para ele “qualquer idéia, qualquer valor e instituição social tinha origem nas circunstâncias práticas da vida humana. (...) A verdade, não apresentava uma idéia esperando ser descoberta, ela só se realizada na prática. Cada instituição e cada crença vistas dentro de um contexto específico, deveriam ser testadas quanto à contribuição que estariam dando, no sentido mais amplo, para o bem comum e pessoal” (PALMER, 2005, p. 219).

Apesar de considerar sempre os interesses das crianças no sentido de “vincular o desenvolvimento intelectual sustentado e as experiências educativas aos interesses dos alunos” (idem, p. 220), opunha-se veementemente aos educadores centrados na criança; a educação deve estar mais centrada no professor do que no aluno. Para ele, em sala de aula a liberdade não deve ter fim em si mesma, “o método de ensino também deve ser indireto, isto é, de descoberta, reflexivo e experimental” (SEBARROJA, 2003, p. 55). Nesse sentido, percebemos muitas contribuições desse autor. Contudo, em seu pragmatismo, não deixava espaço ao desenvolvimento da criança em sua individualidade e em suas necessidades, e portanto, não considerava a criança como um todo.

Paulo Freire, pedagogo brasileiro, dedicou sua vida a desenvolver uma proposta de educação popular, não escolarizada. Para o autor, a educação deve auxiliar o indivíduo a tomar consciência de sua relação com o mundo. Com os princípios psicológicos fundamentados na aprendizagem significativa e não diretiva, centrada no aluno de Carl Rogers, conclui que ninguém educa ninguém; os indivíduos se educam. Considerava a educação estreitamente vinculada às questões sociais e políticas, e o ser humano um ser inacabado com capacidade de transformar o mundo, por isso, “os principais problemas educacionais não são exclusivamente pedagógicos, mas também questões políticas. Nesse sentido, sua pedagogia crítica se manifesta como práxis política e cultural” (idem, p. 134).

Apesar de sua importância para a pedagogia brasileira, sendo um de seus principais expoentes, consideramos que Freire deixou de abordar em sua pedagogia importantes

dimensões que dizem respeito ao desenvolvimento da pessoa em todos os seus aspectos, dos sociais aos individuais, do burocrático-legal ao institucional. Essas dimensões também são políticas e devem ser consideradas pois, o ser humano é sempre social, estando ou não em relações institucionais ou fora delas. Por isso, a grande dificuldade em colocar em prática sua pedagogia é que não se consegue desenvolvê-la quando em relações sociais institucionalizadas. Assim, como promover o desenvolvimento desse ser inacabado, incompleto no interno das instituições sociais como a família e a escola?

Por sua vez, Piaget não construiu uma pedagogia, mas uma teoria psicológica construtivista estudando seus três filhos. A importância de Piaget reside em explicar como nascem e se estruturam os conhecimentos em cada período do desenvolvimento humano e o que repercute em práticas educativas. Para esse autor, o conhecimento é o resultado da interação entre sujeito e objeto, dessa interação o sujeito apreende o mundo que o cerca de diferentes maneiras, conforme a fase de seu desenvolvimento. Contudo, apesar de Piaget ter conhecido a obra de Freud, em sua teoria do conhecimento não considerou os problemas dos mecanismos psicológicos de defesa do ego que acabam deformando as percepções do real.

Esse elemento é importante salientar porque, não obstante a existência há mais de um século da teoria psicanalítica, a teoria pedagógica ainda é muito resistente em absorver a idéia de que o ser humano possua um inconsciente e que o que acredita ser construção originária da sua consciência não passa de reflexos de sua memória e modelos externos colhidos na infância. Assim, a cognição desprovida da totalidade do aparelho psíquico pode produzir conhecimentos que não reproduzam imagens reais, mas falsas imagens de realidades que os mecanismos inconscientes podem criar. O problema que se coloca é como distinguir o real de uma imagem forjada que aparenta ser real, mas que não é. Esse problema em Piaget permanece aberto, por isso, o limite de sua teoria psicológica não invalida a grande contribuição que ele trouxe aos processos educativos, contudo não podemos deixar de apontar esse limite da epistemologia genética.

Vygotski em seu livro “Formação Social da Mente” diz que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica) e depois, no interior da criança (intrapicológica)” (1989, p. 64). E é nesse aspecto que reside a grande contribuição desse autor, pois é através da dialética entre estas duas instâncias que o adulto interfere na formação dos processos psicológicos superiores das crianças. O processo de aprendizagem a partir das relações sócio-históricas e culturais vivenciadas pela criança é mediado pelo adulto. Isto é, o

que a criança se torna depende de com quem ela interage e que instrumentos e signos esse lhe propicia.

Portanto, o adulto possui um papel fundamental nos processos educativos, pois deve intervir na zona de desenvolvimento proximal que está entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial da criança. Considerando essa importante contribuição do autor, podemos dizer que teve o seu limite em não prever que nessas mediações a criança pode internalizar não apenas experiências que promovam o seu desenvolvimento. A criança, nessa concepção psicológica, não é compreendida em sua individualidade, pois seu psiquismo é completamente social e, por consequência, exime toda a responsabilidade individual de sua construção.

Refletindo a respeito da constituição da história da pedagogia e especialmente dos sistemas e teorias pedagógicas e, depois, considerando que não obstante todos os avanços, ainda percebemos uma carência no que se refere ao critério epistemológico da pedagogia. Percebemos os esforços dos teóricos em seu tempo e consideramos que também eles tentaram, a seu modo, contribuir para a constituição da ciência pedagógica. Contudo, na pedagogia a falta do critério é fundamental: como desenvolver a educação do ser humano sem ter clareza de quem ele é, como funciona diante de circunstâncias diferentes, e como auxiliá-lo em seu desenvolvimento.

CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA ONTOPSIOLÓGICA AO HUMANO

Não obstante os muitos processos pedagógicos desenvolvidos por profissionais sérios e dedicados à educação e também por instituições que primam pela qualidade educativa, ainda constatamos que, apesar das intencionalidades educativas pretenderem manter coerência com desenvolvimento da pessoa humana, muitas vezes ocorre o contrário; as potencialidades muitas vezes são utilizadas como formas de auto-destruição da própria pessoa, dos outros e das instituições a que pertencem e, com isso, a humanidade sofre perdas. “A solução das problemáticas sociais é possível somente se impostamos uma *pedagogia alternativa onde primário é o projeto homem*, segundo o critério do Em Si ôntico” (grifo do autor) (MENEGETTI, 2005, p. 31).

Observando a criança em sua espontaneidade, antes dos três anos, percebemos que possui uma inteligência independente dos processos cognitivos justamente porque esses ainda não estão formados. Montessori denominou que a criança possui uma mente absorvente e Piaget que a criança é dotada de uma inteligência sensório-motora. Meneghetti afirma que

essa capacidade de colher íntimo com íntimo que a criança possui inata, mas ainda não desenvolvida historicamente, deriva do mesmo princípio que anima toda a vida. Essa inteligência da vida, da qual somos todos portadores, é mais fácil de ser observada na infância, mas permanece ativa durante toda a existência do indivíduo. Contudo, na idade adulta torna-se mais difícil de ser percebida porque os processos educativos configuraram os processos perceptivos e cognoscitivos no indivíduo não permitindo que essa essência seja percebida, conhecida, compreendida e utilizada contemporaneamente na sua vida da pessoa, no seu aqui, agora e assim. Esse princípio vital ou inteligência da vida é denominada por Meneghetti (2004) Em Si ôntico.

Na medida em que os indivíduos não usam uma parte de sua atividade psíquica - que lhes é própria -, essa parte não desenvolvida de seu psiquismo com o tempo se organiza como universo inconsciente. Justamente porque fica disponível pode ser utilizada para construir a si mesmo ou para se auto-destruir. Esse vasto universo do psiquismo humano, muito embora inconsciente, atua sobre a estrutura total da atividade psíquica do indivíduo em suas funções “inteligentes, racionais, emocionais, biológicas” (2001, p. 80).

Antonio Meneghetti (2004), estudando o psiquismo humano em sua integralidade e radicalidade durante mais de 30 anos de pesquisa e em confronto prático, demonstrou que essa pulsão vital da psique humana pode ser identificada, individuada, autenticada e desenvolvida em criatividade crescente. Denominou essa pulsão *apriórica* da atividade psíquica de Em Si ôntico. É exatamente esse o critério que utiliza para fazer ciência e pedagogia. **Aplicando constantemente** esse **critério** em sua **prática** este autor **começou a encontrar** as respostas aos grandes problemas que até então a filosofia, psicologia, sociologia, pedagogia haviam formulado. Isso significa que não estão exauridos todos os problemas, mas que individuado o critério e formulado o método adequado às ciências humanas, essa ciência consegue estabelecer a reversibilidade entre a teoria e a práxis, o que consente ao operador de ciência, seja educador ou pesquisador, a certificação, a verificação epistemológica. É exatamente a possibilidade da verificação epistemológica por meio da reversibilidade entre teoria e prática que constitui o caráter interdisciplinar das ciências humanas, conforme Meneghetti (2004).

Encontrando o critério da prática e teoria educativa humana, podemos nos processos formativos fazer uma mediação pedagógica que desenvolva o indivíduo e o contexto sócio-histórico que ele pertence. Assim, independentemente das limitações pessoais ou institucionais, conforme a Pedagogia Ontopsicológica, se o operador de pedagogia é exato, consegue auxiliar o outro a identificar e desenvolver criativamente sua especificidade

produzindo bem estar para si e para os outros. Ser um operador exato significa que o pedagogo ou profissional da educação deve atingir um grau de sanidade média em sentido bio-psico-social. Ou seja, deve gozar de uma boa saúde física e saber prover suas necessidades biológicas tornando seu organismo eficiente e saudável. Sanidade psicológica significa que o indivíduo transcendeu os principais estereótipos psicológicos, familísticos, históricos, culturais e coletivos no espaço operativo onde atua profissionalmente. Depois desses dois aspectos anteriores começa a desenvolver-se em sua esfera de atuação social, isto é, em seu ambiente de trabalho e em seu contexto social, o indivíduo atingiu um grau de respeitabilidade e porta resultados positivos.

Até então, a pedagogia, sem a descoberta desse princípio que funda o ser humano na existência, apenas se conduzia pela observação externa dos indivíduos. Percebia que existiam as especificidades intrínsecas, mas não conseguia identificar, isolar e desenvolver essas especificidades de forma a realizar o indivíduo como singularidade. Grandes pedagogos como Pestalozzi, Maria Montessori, dentre outros, compreenderem que, se a pedagogia não seguir as leis vitais do desenvolvimento humano, muitos problemas podem ser causados e não resolvidos – problemas que vão desde a escolha da profissão, aprendizagem, comportamento, delinqüência juvenil ou mesmo problemas de doenças somáticas como apontou Maria Montessori. Segundo Meneghetti,

O indivíduo homem, pela posição naturista, nasce no interior de um grupo, de um outro indivíduo, colocado por uma relação homem-mulher. O pequeno nasce dessa correlação e adquire uma identidade própria – primeiro biológica depois fisiológica e, sobretudo psicológica – segundo o estilo de identidade dos adultos ou aquele único adulto ou aquele grupo de adultos que o iniciaram e sucessivamente o organizaram comportamentalmente e cognitivamente, a imagem e semelhança dos pais e, infelizmente, jamais segundo a exigência ôntica de identidade espiritual do próprio filho; portanto, conhecemos todas as problemáticas que derivam disso” (MENEGETTI, 2004b, p. 326).

Apesar de intuírem a estrada e construírem enormes contribuições à ciência pedagógica, os autores da pedagogia não possuíam a chave de compreensão da atividade psíquica do ser humano e o critério para identificá-la em desenvolvimento ou destruição/diminuição, além da mediação metodológica construída pela pedagogia ontopsicológica. Sem este critério a pedagogia ficou carente de epistemologia, pois esse é o critério de desenvolvimento e evolução do ser humano.

Todo o discurso Ontopsicológico é aquele de ensinar a recuperação da consciência da unidade de ação que o ser humano é. O famoso ‘conhece-te ti mesmo’ significa simplesmente: colher o inteiro da própria exatidão da natureza. Se quiser conhecer o universo, a verdade, tudo o que é a vida, deve partir da exatidão do quanto existe. Na medida em que sabe o quanto existe, tanto mais tem poder de conhecimento. Por

isso, a tarefa fundamental de toda a psicologia é aquela de recuperar a integridade de consciência sobre a informação organísmica; de outro modo, a ciência é impossível (MENEGHETTI, 2005, p. 19).

Ainda continua o autor, “toda a visão ontopsicológica em referência a pedagogia é a auscultação dos sinais do código base da vida, que a criança tem intrínseco, para adaptar progressivamente este projeto fundamental à elaboração da construção e responsabilidade social” (MENEGHETTI, 2005, p).

Para Meneghetti, “a real novidade da Ontopsicologia, aplicada ao campo pedagógico é a descoberta do critério base de natureza ou Em Si ôntico. Uma vez individuado o Em Si ôntico, podemos fazer uma pedagogia que consente o desenvolvimento do projeto de natureza, tendo como resultado o indivíduo antes de tudo sadio e depois em condições de realizar a própria existência em modo criativo” (idem, p. 20).

A Pedagogia possui a tarefa de elaborar um percurso formativo de desenvolvimento do ser humano considerando os seus princípios constitutivos. Conforme Meneghetti (2005, p. 20) “Pedagogia: do grego παις = criança; do grego αγο e do latim ago = fazer, acompanhar. Arte de como coadjuvar ou desenvolver uma criança à realização”. A Pedagogia como ciência da educação, portanto, deve promover o desenvolvimento dos seres humanos em todas as suas dimensões para que o potencial torne-se ato.

Ao estudarmos mais esse conceito, compreendemos a implicação e o sentido da Pedagogia. Começamos entendendo seus termos: então, o que significa arte? Conforme o dicionário Houaiss (2001, p. 306) “conjunto dos princípios e técnicas característicos de um ofício ou profissão”. E o que vem a ser o objetivo da Pedagogia? O desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões. Portanto, “arte” significa que a precisão está a serviço do como coadjuvar o desenvolvimento humano. Coadjuvar significa conduzir, ir com, acompanhar, orientar e não imprimir, impor ou assinalar e sim prestar um auxílio, um serviço ao novo ser que nasce (em sentido biológico, psicológico-existencial, metafísico e social).

“Os genitores devem sempre preparar o filho a serem grandes para si mesmos, de modo que quando esses não existirem mais ele possa continuar sozinho e ser adulto em meio a grande vida. Eles não devem proteger o filho da realidade, mas ajudá-lo, auxiliá-lo a afrontar em toda a sua complexa crueza. A única moral que podemos ensinar a criança é aquela de fazer bem as próprias coisas, dia a dia, porque, enquanto a pessoa faz bem as próprias coisas, estas fazem a pessoa. Sobretudo é necessário educá-lo a jamais errar contra si mesmo. Deve aprender a capacidade de atuar um egoísmo funcional no ecossistema bio-societário” (MENEGHETTI, 2005, p. 61).

Assim, segundo a pedagogia ontopsicológica existem pressupostos acerca do lugar do nascimento do evento criança. Para a evolução criativa do ser humano é necessário garantir

esse lugar constituído por adultos, pois esses são as referências pelas quais as crianças construirão seu sucessivo padrão de comportamento. “Somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas auto-realizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e como procurar por ela” (Pedagogia Ontopsicológica, p. 143). “*A verdadeira mãe é aquela que faz os filhos realizarem também a si mesma*” (A feminilidade como sexo, poder e graça).

No Livro Pedagogia Ontopsicológica Antônio Meneghetti define que “o escopo prático dessa pedagogia é educar o sujeito a fazer e a *saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmos como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico histórico com capacidade e condutas vencedoras*” (p. 20). Desta forma a pedagogia não tem sentido restrito a uma única fase do desenvolvimento humano; ela diz respeito à educação do homem ao longo de sua existência, sendo que em cada fase existem exigências próprias que devem ser atendidas. Toda a pedagogia ontopsicológica está fundada sobre os princípios que definem quem é o ser humano, como é constituído e como se constitui humano, quais são suas especificidades, quais são suas necessidades.

Portanto a pedagogia ontopsicologia possui uma teleologia que é identificada como a causa final da existência humana, por isso, a pedagogia é compreendida como “um crescimento ordenado com fim próprio, e este é o *ativans* que vai onde já sabe. Esse fim é a consciência ôntica que se faz agente do próprio devir histórico. Este “fazer-se pleno em direção a”, faz agente externo de um encontro íntimo e eterno. O fim age em toda a causalidade agente histórica, ficando o íntimo sempre intacto ou transcendente” (MENEGETTI, 2005, p. 74).

APLICAÇÃO DO MÉTODO DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Estudando a Pedagogia Ontopsicológica podemos compreender que o principal elemento pedagógico, variável dependente da prática pedagógica, é a autenticação do operador, do pedagogo. Isso nos reporta a perceber que a primeira pedagogia deve ser realizada no próprio pedagogo, de forma a responsabilizar-se por sua existência e construí-la. É isso que traz autoridade e capacidade pedagógica de auxiliar os outros a se construírem. Assim, a Didática como parte da Pedagogia que se ocupa dos processos de ensino-aprendizagem não considera em seus elementos teórico-metodológicos o ser humano em sua totalidade,

consciente e inconsciente, e essa é a grande contribuição da pedagogia ontopsicológica aos avanços dessa área.

Portanto a teoria e o método da pedagogia ontopsicológica também colocam em crise algumas verdades consideradas absolutas em relação a história do pensamento pedagógico, mas relativas em relação ao universo grandioso que se abre com o conhecimento da psique humana. Uma delas, por exemplo, é a respeito da aquisição dos processos educativos serem estabelecidas de fora para dentro, enquanto que a pedagogia ontopsicológica define que a aprendizagem é um termo de origem latina, “*Lat. Adprehendo* = me aproprio do íntimo. Disposição a perceber o que é para mim. A) Aquisição de modelos operativos. B) Com memória de repetição”. (Dicionário de Ontopsicologia, 2001, p. 14). Assim, o sujeito que aprende se apropria do íntimo e possui capacidade de perceber o que é e o que não é para si. Diante de todos os múltiplos conceitos de aprendizagem que conhecidos, de Piaget, Vigostsky, Rogers, Wallon, Paulo Freire dentre outros, esse conceito pode nos parecer muito “estranho”, pois imediatamente vem o interrogativo: “como pode um indivíduo apreender do íntimo e ter disposição e capacidade de perceber o que é para si?”. Com isso, percebemos que de fato a pedagogia ou os processos educativos podem não estar desenvolvendo os estudantes como aprendizes, mas talvez como repetidores ou imitadores de modelos, sem o desenvolvimento de referências internas próprias.

A pedagogia pode indagar quais foram os modelos operativos apreendidos, quais deles são reproduzidos, mediante que circunstâncias e por quê? Diante de toda a competência pedagógica e metodológica que a pedagogia até então já nos possibilita podemos com a pedagogia ontopsicológica começaram a abrir novas estradas de investigação e práticas educativas, trazendo enormes contribuições aos processos educativos sociais, escolarizados ou não.

O conceito de ensino, segundo o dicionário Houaiss (1999), deriva do “latim **insígnio*; por *insignére* ‘pôr uma marca, distinguir, assinalar’”. O termo “ensino”, do latim “por um sinal” me fez analisar minha prática pedagógica. Como professora, trabalho com sinais, com signos, e busco facilitar o acesso aos sinais ou signos. Com os fundamentos da pedagogia ontopsicológica compreendi que se abriam dois grandes problemas: 1) se há um signo a ser informado existe um emissor e um receptor, e o que informa o emissor quando emite o signo não são sinais apenas conscientes, mas também informações inconscientes. 2) Que signos são esses? São signos que levam o estudante a aprender ou a reproduzir? Diante desse significado, o processo de ensino-aprendizagem para fazer evolução no humano compreende uma enorme responsabilidade, pois sempre estamos informando. Mas o que

informamos conduz os nossos estudantes a adquirirem “novos módulos de referência e de conduta?” Esse é todo o problema de fundo da pedagogia: educar o ser humano, mas educar como e para quê?

Durante nossa prática de formadores observamos que apesar das pessoas que estão realizando percursos formativos desejarem e demonstrarem uma vontade de desenvolver processos pedagógicos diferenciados, muitas vezes as atividades práticas demonstram que muitos dos desejos não são senão valores externos que foram internalizados e automatizados e, sobretudo, sem real sentido para as pessoas carecendo, portanto, de novas formas de consciência sobre seus processos formativos. Por isso, nas experiências formativas, muitos estereótipos ligados ao ser docente ou discente precisam ser revisados como os que envolvem a organização, o preparo didático e o desenvolvimento de uma aula, os papéis de ser aluno e professor etc. Ou ainda, por parte do estudante universitário, o significado do “assistir” uma aula expositiva no ensino superior. Ou ainda da pessoa que participa de um curso de formação. Assim, os modelos operativos apreendidos devem ser revistos, percebidos e analisados tendo em vista sempre a novidade da informação de cada momento em que comunica a situação (sujeito, objeto e contexto).

Como colhemos as informações constantemente, no aqui, agora e assim? Por meio da linguagem verbal e não verbal. Da linguagem verbal podemos observar os termos que as pessoas utilizam, o conteúdo e forma – o que acentua ou não, o tom de voz que utiliza, as emoções contidas enquanto fala, o grau de crença que demonstra no expor as idéias, os valores e os juízos que demonstra durante as manifestações. Da linguagem não verbal podemos observar os modos de olhar, de gesticular, de sentar, as emoções, as fantasias que provocam no grupo e que são captadas e estudadas em seus significados. Essa linguagem nos leva a compreender o vasto universo que o trabalho pedagógico possui no desenvolvimento humano. Daí a importância de considerar o homem como um todo.

O processo de ensino-aprendizagem ocorre por meio da informação. “*Latim: In actio formo, signo* = indicar a ação, dar a estrutura da ação. Introduzir a nova causalidade. Moldar um quântico energético, um momento de vida, segundo um desenho, ou modo, para um determinado escopo. Introduzir novidade de fim no interior de um contexto dinâmico ou vital. Estabelecer novos módulos de comportamento e de referência dentro de uma conduta” (MENEGHETTI, 2001, p. 86).

A pedagogia ontopsicológica confronta o problema das interações entre educador e educando, sejam eles pais e filhos ou professores e alunos. Nas relações de díade entre os indivíduos é que ocorrem os processos educativos que “formam a consciência, o tabuleiro da

racionalidade, o modo de mover-se na existência” (idem, p. 47). São as relações de díade que formam ou estabelecem os modelos operativos ou modelos agentes. Esses modelos são mais determinantes ou marcantes nos períodos mais primitivos do desenvolvimento humano. Contudo, como a relação pedagógica é sempre uma relação que implica um certo grau de hierarquia seja ela do tipo emocional, profissional, técnica, institucional, burocrática, social ou outra, contém uma relação de necessidade e dependência entre os envolvidos.

A díade do “grego: δυο = dois, significa movimento a dois onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. É uma unidade de ação que parte de dois centros, um dos quais não pode viver sem a coexistência do outro pólo. O mais forte formaliza e polariza o mais débil de modo tal que o mais débil aprende o estilo de vida do mais forte” (MENEGETTI, 2005, p. 58-59).

Com esse conceito é possível começar compreender a real necessidade de revisar a formação do educador em territórios que a pedagogia antes se quer havia mencionado. Começar a educação pelo educador (pai, mãe, professor etc.), revisando suas estruturas conscientes e inconscientes não é uma premissa tão fácil de ser afirmada e, menos ainda, de ser aceita em nossa sociedade contemporânea. Contudo, é o adulto quem faz a educação das novas gerações. Neste sentido, podemos evidenciar a real contribuição da pedagogia ontopsicológica na formação de educadores no ensino superior e o valor desta pedagogia para o desenvolvimento humano e social no terceiro milênio.

REFERÊNCIAS

- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- CHATEAU, J. (org.). **Los grandes pedagogos**. 7ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1986.
- LUZURIAGA, L. **Dicionário de Pedagogia**. 3ª ed. Buenos Aires: Losada, 2001.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, A. **A feminilidade como sexo, poder e graça**. 2ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004b.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, 2001.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, A. **XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia**. Roma: Psicologica Editrice, 1995.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora da USP, 1986.
- PALMER, Joy A. **50 grandes educadores**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SAVIANI, D. Correntes e tendências da educação brasileira. IN: MENDES, D. T. (org.). **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.
- SEBARROJA, J. C. (org.). **Pedagogias do século XX**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.